

A MATEMÁTICA SOB A ÓTICA DE “CRIANÇAS” QUE CRESCERAM

Míria Helen de Souza Andrade¹

Marcelo Bezerra de Moraes²

Resumo

Este texto, de abordagem qualitativa (Gil (2019)), compreende uma reflexão acerca dos olhares que ainda residem em discentes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/PIBID, subprojeto Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Mossoró, sobre a matemática.

O objetivo é apresentar como pibidianos se sentem diante das vivências constituídas com o ensino da matemática desde a infância até os dias atuais. O interesse pela temática advém da necessidade de aproximação com as marcas deixadas pela escola no trato com o ensino da matemática desde a infância, com o fim de retroalimentar uma pesquisa em nível de doutorado, ainda em curso, no Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

A construção dos dados se deu por meio de um questionário com perguntas abertas (Gil, 2019), enviado via *Google Forms* aos 24 discentes bolsistas do PIBID/Pedagogia. As questões verticalizavam o interesse em saber sobre a primeira coisa que vinha à cabeça quando ouviam a palavra matemática, qual o sentimento que despertava quando lembrava da realização de atividades matemáticas na escola e, por último, o que poderia ter sido feito para que as aulas de matemática fossem mais significativas. Reitera-se que houve a devolutiva de 17 respostas. Os outros 7 não justificaram a ausência do retorno, aspecto que, à luz de Gil (2019) representa uma das limitações dessa técnica de investigação.

Os dados foram descritos na perspectiva da decolonialidade, pensada como movimento de ruptura com a prerrogativa de uma história única, já que Oliveira e Candau (2010) atentam para o perigo de manutenção em discursos colonizados que podem ter sido construídos em experiências externas reproduz a partir de histórias contadas por outros sujeitos que, sobretudo, impossibilitam o sujeito de falar de si sem a consciência de que o narrado consta em sua subjetividade ou é fruto de uma imaginação influenciada por fatos contados por outrem. Desse modo, os dados foram lidos com o cuidado de afirmar ou refutar o dito pelos discentes.

É possível dizer que as relações de sujeitos com a matemática acontecem de modo sistematizado no momento em que adentram a escola e vão se movimentando e despertando convicções no cruzamento das interconexões com a realidade de vida, instigando a exploração aprofundada do conhecimento matemático (Skovsmose, 2014). É no contato com as miudezas das coisas que envolvem a matemática que o sujeito vai construindo noções acerca do *quefazer* nesta área do saber. Portanto, é fundamental decidir assertivamente sobre recursos pedagógicos que não configurem impeditivos em uma aprendizagem que se quer ativa, significativa e, especialmente, reflexiva.

¹ Professora mestra da Faculdade de Educação/UERN. Coordenadora de área bolsista do PIBID/Pedagogia. Doutoranda pelo Posensino/UERN/UFERSA/IFRN. E-mail: miriahelen@uern.br

² Professor doutor da Faculdade de Educação/UERN. E-mail: marcelobezerra@uern.br

Skovsmose (2001) insiste em refletir que a matemática é uma ciência a qual é necessária a reflexão. Atenta para o fato de que a matemática é plural, ou seja, são matemáticas porque derivam de saberes e impressões diversas que os sujeitos têm (re)produzido ao longo do tempo. Mobilizado por essa reflexão, cabe apresentar as respostas da primeira pergunta feita aos discentes sobre o que vinha à cabeça ao ouvir a palavra matemática, os quais destacaram: *números (7 vezes)*, *dificuldade e cálculos (6 vezes)*, *lógica, padrão, letramento matemático, fórmulas, desafio, superação, prazer (1 vez)*.

As respostas acima ativaram a reflexão de que Skovsmose (2014) é cirúrgico quando atenta para a necessidade de reflexão acerca da ancestralidade do trabalho que foi realizado com o ensino de matemática. Isso se torna pungente, pois, os discentes investigados têm idade entre 18 e 30 anos, mas, demonstram que, em parte, a trajetória com essa área do conhecimento não foi tão satisfatória, basta que se observe uma única citação positiva (*prazer*). Pode-se, ainda supor que as lembranças de palavras de cunho negativo estejam relacionadas à ausência de oportunidades de conhecimento sobre os motivos pelos quais a matemática importa para a vida social, ou não recordarem como se deu o envolvimento nas decisões sobre como estudar matemática no ambiente escolar.

Das respostas dadas à questão que requeria saber sobre os sentimentos aflorados diante da realização de atividades matemáticas na escola, é importante revelar que o cenário das respostas fortaleceu as evidências da primeira pergunta quando declararam sentimentos negativos como *medo (6 vezes)*, *angústia (3 vezes)*, *ansiedade e desespero (2 vezes)*, *estresse, raiva, frustração, apreensão, inferioridade, agonia, incapacidade e tristeza (1 vez)*. Acredita-se que as respostas não tenham a pretensão de continuar assustando uma parte da realidade social marcada pelo negacionismo de que a matemática é para qualquer sujeito, no entanto, deve ser urgente investir em um desencontro com a “mesma” matemática com a qual parte dos discentes se encontraram em suas infâncias.

É preciso mobilizar um deslocamento que permita a inauguração de outros jeitos de pensar a matemática daqui para a frente, assim como fizeram os discentes que destacaram *a alegria (5 vezes)*, *a curiosidade e a afinidade (2 vezes)*, e, *nostalgia (1 vez)*. Defrontar-se com essas expressões de sucesso leva é crer na possibilidade de que aprender matemática ultrapassa qualquer situação limitante. É acreditar que a matemática inquieta porque somatiza sempre a algo a acontecer na somatória dos passos, números, gestos, palavras, descuidos, medos, incapacidades, vontades, e de tantos outros aspectos que parecem normais diante dos olhares que se criaram sobre a matemática, sobretudo, a que é trabalhada na escola.

É pontual dissertar que aprender é uma ação pessoal que depende dos anseios do aprendente e de motivações externas. A motivação aqui citada é compreendida como uma reação orgânica que impulsiona a realização de um trabalho. Sentir-se motivado é o que faz um comportamento ocorrer (Bear, Connors e Paradiso, 2017) e, estar motivado para aprender matemática transcende a resolução de problemas com operações ou fórmulas, ou “Contar frutas, somar carrinhos, dividir doces” como postula Franco (2024, p. 118).

Mais do que isso, requer um aluno motivado a construir procedimentos com postura crítica para resolver situações com criatividade, e compromisso pedagógico dos docentes que precisam estar motivados a instigar à exploração do conhecimento matemático (Skovsmose, 2001) e, refutar o fato de que “A matemática parece nunca resolver os seus problemas, que se repetem, se repetem, mas não ficam diferentes” (Franco, 2024, p. 118).

Os indicadores mencionados nas questões 1 e 2 simbolizam que os modelos de ensino que têm se formalizado como metodologias em salas de aula merecem ser cuidados ao



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



ponto de revisitarem o que foi feito (ou não) e buscarem mecanismos para resgatar saberes que ficam/ficaram no meio do caminho.

Sobre o que poderia ter sido feito para que as aulas de matemática fossem significativas, as respostas foram: *necessidade de aproximação dos conteúdos matemáticos com o cotidiano dos aprendizes e uso de recursos lúdicos interativos (7 vezes), atividades práticas (2 vezes), metodologias ativas, brincadeiras e diversão sem cobranças e outras formas de aprender (1 vez)*. Perceber a ausência de conexão entre o que é preciso aprender e o vivido pode ser visto como um problema que afeta o aprendizado da matemática, já que, aqui há discursos que a caracterizam como um componente curricular desumano.

As histórias, em palavras e expressões contadas pelos pibidianos, explicam o lugar onde estiveram e estão. Isso se mostra que ao responderem ao questionário socializam sentimentos construídos numa fase anterior da vida que os acompanham até hoje. Talvez, o caminho para minimizar as frustrações e ampliar a ideia de prazer esteja situado na necessidade de enfatizar que a matemática é uma ciência humana que estimula à travessia dos sentidos, o posicionamento crítico e a ruptura com hegemonias que a estigmatizaram como algo ruim.

É preciso refletir que a matemática em si, é para ser sentida, provada, cheirada, tocada, escutada e vista (Franco, 2024). Isso areja as percepções, ao mesmo tempo em que causa estranhamento em quem percebe ser possível aceitá-la com a mesma alegria citada cinco vezes por discentes e se tornada nostalgia para um deles, afinal, as rachaduras que se instauram no processo formativo podem ser revestidas com amálgamas que unem outros olhares e descortinam que as matemáticas se situam na superfície ENTRE o sujeito e seu modo de querê-las. Nem ANTES e nem DEPOIS dele, assim como as infâncias que residem nas nuances das memórias daquele que “cresceu”.

Palavras-chave: Vivências. Sujeitos. Escola. Matemática.

Referências

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências:** desvendando o sistema nervoso. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

FRANCO. V. N. M. **Tem cabimento? Infâncias, matemáticas e vidas na “dipiandenia”**. 2024. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt> Acesso em 25 Out. 2025.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica: A questão da democracia**. Campinas: Papirus, 2001.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica.** Campinas: Papirus, 2014.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

